

O TEMPO CIRCULAR

Jorge Luis Borges
Tradução de Allan Alves¹

Ensaio publicado de 1943. Incluído posteriormente nas edições seguintes de
Historia de la eternidad.

Sonho regressar eternamente ao eterno retorno. Nestas linhas procurarei (com o socorro de algumas ilustrações históricas) definir seus três modos fundamentais.

O primeiro tem sido imputado a Platão. Este, no trigésimo nono parágrafo do *Timeu*, afirma que os sete planetas, equilibradas suas diversas velocidades, regressariam ao ponto inicial de partida: revolução que constituiria o ano perfeito. Cícero, no livro segundo de *A natureza dos deuses*, admite que não é fácil o cálculo deste vasto período celestial. No entanto, argumenta que certamente não se trataria de período ilimitado. Em uma de suas obras perdidas, Cicero define em doze mil novecentos e noventa e quatro “do que nós chamamos de anos”². Morto Platão, a astrologia judiciária se espalhou por Atenas. Esta ciência, como todos sabem, afirma que o destino dos homens é regido pela posição dos astros. Algum astrólogo que certamente não havia examinado em vão o *Timeu*, formulou um argumento irrepreensível: se os períodos planetários são cíclicos, então também a história universal o será. Assim, ao final de cada ano, renascerão os mesmos indivíduos que cumprirão os mesmos destinos. O tempo atribuiu a Platão este juízo. Em 1616, Lucio Vanini escreveu: “De novo Aquiles irá à Tróia, de novo renascerão cerimônias e religiões; a história humana se repete; não há nada agora que não tenha sido. O que foi, será; mas sim o todo em geral, e não (como determina Platão) apenas o particular”³. Em 1643, Thomas Browne declarou em uma das notas do primeiro livro *Religio Medici*: “O ano de Platão – Plato’s year – é um curso de séculos após o qual todas as coisas recuperarão seu estado anterior. Novamente Platão, em sua escola,

¹ Graduação em Letras pela UFRRJ. Mestrando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. Email: all.alves@hotmail.com

² TÁCITO. *Diálogo dos oradores*. Diálogo 16.

³ BROWNE, Thomas. *De Admirandis Naturae Reginae Deaeque Mortalium Arcanis*. Diálogo 52.

explicará essa doutrina.” No primeiro modo de se conceber o eterno retorno, o argumento é astrológico.

O segundo está ligado à glória de Nietzsche, seu inventor ou disseminador mais comovido. Um princípio algébrico o justificaria: a observação de que um número n de objetos – átomos na hipótese de Le Bon – potência no pensamento de Nietzsche – corpos simples na obra do comunista Blanqui – é incapaz de um número infinito de variações. Das três doutrinas listadas, a melhor e mais complexa é a de Blanqui. Este se poia na concepção de Demócrito, que sobrepõe mundos fac-similares e mundos distintos, não apenas no tempo, mas também no espaço infinito⁴. Seu livro é lindamente intitulado *L'éternité par les astres*, a edição é de 1872. Muito anterior é uma passagem lacônica, mas suficiente, de David Hume. Consiste nos *Diálogos sobre a Religião Natural* (1779) que Schopenhauer se propôs traduzir. E que, até onde sei, não tem se dado a devida atenção. Eu traduzo literalmente: "Não vamos imaginar matéria infinita, como Epicuro fez. Vamos imaginá-la finita. Um número finito de partículas não é suscetível a transposições infinitas. Em uma duração eterna, todas as ordens e colocações possíveis ocorrerão um número infinito de vezes. Este mundo, com todos os seus detalhes, mesmo os minúsculos, foi elaborado e aniquilado. E será elaborado e aniquilado: infinitamente"⁵.

Desta série perpétua de histórias universais idênticas, Bertrand Russell observa: "Muitos escritores opinam que a história é cíclica, que o estado atual do mundo, com seus mínimos detalhes, retornará mais cedo ou mais tarde. Como formulam essas hipóteses? Diremos que o estado posterior é numericamente idêntico ao anterior. Não podemos dizer que esse estado ocorra duas vezes, pois isso postularia um sistema cronológico — since that would imply a system of dating — que a hipótese nos proíbe. O caso seria equivalente ao de um homem que percorre o mundo: ele não diz que o ponto de partida e o ponto de chegada são dois lugares diferentes, mas muito semelhantes; diz que são o mesmo lugar. A hipótese de que a história é cíclica pode ser afirmada desta maneira: vamos formar o conjunto de todas as circunstâncias contemporâneas de uma dada circunstância, em certos casos, todo o conjunto se precede"⁶.

Chego, então, ao terceiro modo de se interpretar o eterno retorno: menos terrível e melodramático, mas também o único modo tangível. Proponho-me à concepção de ciclos similares,

⁴ CÍCERO. *Acadêmicas*. Livro Segundo.

⁵ HUME, *Diálogos sobre a Religião Natural*. Parte VIII.

⁶ RUSSEL, Bertrand. *An Inquiry Into Meaning And Truth*. London: George Allen and Unwin: 1940. p. 102. (Trecho traduzido por Jorge Luis Borges).

mas não idênticos. É impossível formar um catálogo infinito de autoridades: penso nos dias e noites de Brahma, nos períodos cujo relógio imóvel é uma pirâmide desgastada lentamente pela asa de um pássaro que as esfrega a cada milênio. Nos homens de Hesíodo, que se degeneram desde o ouro até o ferro. No mundo de Heráclito, que é gerado pelo fogo e ciclicamente devora o fogo. No mundo de Sêneca e Crisipo, em sua aniquilação pelo fogo e renovação pela água. Na quarta bucólica de Virgílio e no esplêndido eco de Shelley. No *Eclesiastes*. Nos Teósofos. Na história decimal de Condorcet. Em Francis Bacon e *Unpenski*. Em Gerald Heard. Em Spengler e em Vico. Em Schopenhauer. Em Emerson. Nos *First Principles* de Spencer e na *Eureka* de Poe... de tal profusão de teorias, basta-me copiar uma, de Marco Aurélio: "Embora os anos de sua vida tenham sido três mil ou dez vezes três mil, lembre-se de que ninguém perde outra vida além da que vive agora nem vive outra que não a que perde. O prazo mais longo e o mais curto são, portanto, iguais. O presente pertence a todos. Morrer é perder o presente, que é um tempo muito curto. Ninguém perde o passado ou o futuro, porque ninguém pode retirar o que não tem. Lembre-se de que todas as coisas mudam e voltam a girar pelas mesmas órbitas e para o espectador é o mesmo ver um século ou dois ou infinitamente"⁷.

Se lermos com seriedade as linhas anteriores (*id est*, se não resolvermos julgá-los como mera exortação ou moralidade), veremos que declaram, pressupõem, duas curiosas ideias. Primeiro: negar a realidade do passado e do futuro. Como afirma Schopenhauer "A forma de aparência da vontade é apenas o presente, não o passado ou o futuro: estes existem apenas para o conceito e pela encadeamento da consciência, sujeitos ao princípio da razão. Ninguém viveu no passado, ninguém viverá no futuro; o presente é o caminho de toda a vida"⁸. Segundo: negar, como no *Eclesiastes*, qualquer possibilidade do novo. A conjectura de que todas as experiências do homem são (de alguma forma) análogas pode, à primeira vista, parecer um mero empobrecimento do mundo. Se os destinos de Edgar Allan Poe, dos vikings, de Judas Iscariotes e de meu caro leitor são, secretamente, o mesmo destino — o único destino possível —, então a história universal é a história de um único homem. A rigor, Marco Aurélio não nos impõe essa simplificação enigmática. (Há algum tempo, imaginei uma história fantástica, à maneira de Leon Bloy: um teólogo consagra toda a sua vida a refutar um herege. Ele o vence em intrincadas controvérsias: denuncia-o, e, com isso, faz com que seja queimado. No entanto, no céu, descobre que, para Deus, ele e o herege formam uma única pessoa). Marco Aurélio afirma a analogia, não a identidade, dos muitos destinos individuais. Ele

⁷ MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Livro segundo, reflexão 14.

⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I. Livro IV, §54.

afirma que qualquer período — um século, um ano, uma única noite, talvez o presente inacessível — contém integralmente toda a história. Em sua forma extrema, esse juízo é de fácil refutação: um gosto difere de outro, dez minutos de dor física não são iguais a dez minutos de álgebra. Aplicada a grandes períodos, os setenta anos de idade que o *Livro dos Salmos* nos concede é possibilidade verossímil ou somente ou tolerável. Reduz-se a afirmar que o número de percepções, emoções, pensamentos, vicissitudes humanas é limitado, e que antes da morte o esgotaremos. Repete Marco Aurélio: "Quem olhou para o presente olhou para todas as coisas: aquelas que ocorreram no passado insondável, como aquelas que ocorrerão no futuro"⁹.

Em tempos de maior espírito, a conjectura de que a existência do homem é uma quantidade constante e invariável pode entristecer ou irritar. Nos tempos que declinam (como esses), é a promessa de que nenhuma censura, nenhuma calamidade ou ditador poderá nos empobrecer.

EL TIEMPO CIRCULAR

Yo suelo regresar eternamente al Eterno Regreso; en estas líneas procuraré (con el socorro de algunas ilustraciones históricas) definir sus tres modos fundamentales.

El primero ha sido imputado a Platón. Éste, en el trigésimo noveno párrafo del *Timeo*, afirma que los siete planetas, equilibradas sus diversas velocidades, regresarán al punto inicial de partida: revolución que constituye el año perfecto. Cicerón (*De la naturaleza de los dioses*, libro segundo) admite que no es fácil el cómputo de ese vasto período celestial, pero que ciertamente no se trata de un plazo ilimitado; en una de sus obras perdidas, le fija doce mil novecientos cincuenta y cuatro "de los que nosotros llamamos años" (*Tácito: Diálogo de los oradores*, 16). Muerto Platón, la astrología judiciaria cundió en Atenas. Esta ciencia, como nadie lo ignora, afirma que el destino de los hombres está regido por la posición de los astros. Algún astrólogo que no había examinado en vano el *Timeo* formuló este irreprochable argumento: si los períodos planetarios son cíclicos, también la historia universal lo será; al cabo de cada año platónico renacerán los mismos individuos y cumplirán el mismo destino. El tiempo atribuyó a Platón esa conjetura. El 1616 escribió Lucilio Vanini: "De nuevo Aquiles irá a Troya; renacerán las ceremonias y religiones; la historia humana se repite; nada hay ahora que no fue; lo que ha sido, será; pero todo ello en general, no (como

⁹ MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Livro sexto, reflexão 37.

determina Platón) en particular" (De admirandis naturae arcanis, diálogo 52). En 1643 Thomas Browne declaró en una de las notas del primer libro de la Religio medici: "Año de Platón —Plato's year— es un curso de siglos después del cual todas las cosas recuperarán su estado anterior y Platón, en su escuela, de nuevo explicará esta doctrina." En este primer modo de concebir el eterno regreso, el argumento es astrológico.

El segundo está vinculado a la gloria de Nietzsche, su más patético inventor o divulgador. Un principio algebraico lo justifica: la observación de que un número n de objetos —átomos en la hipótesis de Le Bon, fuerzas en la de Nietzsche, cuerpos simples en la del comunista Blanqui— es incapaz de un número infinito de variaciones.

De las tres doctrinas que he enumerado, la mejor razonada y la más compleja, es la de Blanqui. Éste, como Demócrito (Cicerón: Cuestiones académicas, libro segundo, 40), abarrotó de mundos facsimilares y de mundos disímiles no sólo el tiempo sino el interminable espacio también. Su libro hermosamente se titula *L'eternité par les astres*; es de 1872. Muy anterior es un lacónico pero suficiente pasaje de David Hume; consta en los *Dialogues concerning natural religion* (1779) que se propuso traducir Schopenhauer; que yo sepa, nadie lo ha destacado hasta ahora. Lo traduzco literalmente: "No imaginemos la materia infinita, como lo hizo Epicuro; imaginémosla finita. Un número finito de partículas no es susceptible de infinitas trasposiciones; en una duración eterna, todos los órdenes y colocaciones posibles ocurrirán un número infinito de veces. Este mundo, con todos sus detalles, hasta los más minúsculos, ha sido elaborado y aniquilado, y será elaborado y aniquilado: infinitamente" (*Dialogues*, VIII).

De esta serie perpetua de historias universales idénticas observa Bertrand Russell: "Muchos escritores opinan que la historia es cíclica, que el presente estado del mundo, con sus pormenores más ínfimos, tarde o temprano volverá. ¿Cómo se formula esa hipótesis? Diremos que el estado posterior es numéricamente idéntico al anterior; no podemos, decir que ese estado ocurre dos veces, pues ello postularía un sistema cronológico —since that would imply a system of dating— que la hipótesis nos prohíbe. El caso equivaldría al de un hombre que da la vuelta al mundo: no dice que el punto de partida y el punto de llegada son dos lugares diferentes pero muy parecidos; dice que son el mismo lugar. La hipótesis de que la historia es cíclica puede enunciarse de esta manera: formemos el conjunto de todas las circunstancias contemporáneas de una circunstancia determinada; en ciertos casos todo el conjunto se precede a sí mismo" (*An inquiry into meaning and truth*, 1940, pág. 102).

Arribo al tercer modo de interpretar las eternas repeticiones: el menos pavoroso y melodramático, pero también el único imaginable. Quiero decir la concepción de ciclos similares, no idénticos. Imposible formar el catálogo infinito de autoridades: pienso en los días y las noches de Brahma; en los períodos cuyo inmóvil reloj es una pirámide, muy lentamente desgastada por el ala de un pájaro, que cada mil y un años la roza; en los hombres de Hesíodo, que degeneran desde el oro hasta el hierro; en el mundo de Heráclito, que es engendrado por el fuego y que cíclicamente devora el fuego; en el mundo de Séneca y de Crisipo, en su aniquilación por el fuego, en su renovación por el agua; en la cuarta bucólica de Virgilio y en el espléndido eco de Shelley; en el Eclesiastés; en los teósofos; en la historia decimal que ideó Condorcet, en Francis Bacon y en Uspenski; en Gerald Heard, en Spengler y en Vico; en Schopenhauer, en Emerson; en los First principles de Spencer y en Eureka de Poe... De tal profusión de testimonios bástame copiar uno, de Marco Aurelio: "Aunque los años de tu vida fueren tres mil o diez veces tres mil, recuerda que ninguno pierde otra vida que la que vive ahora ni vive otra que la que pierde. El término más largo y el más breve son, pues, iguales. El presente es de todos; morir es perder el presente, que es un lapso brevísimo. Nadie pierde el pasado ni el porvenir, pues a nadie pueden quitarle lo que no tiene. Recuerda que todas las cosas giran y vuelven a girar por las mismas órbitas y que para el espectador es igual verla un siglo o dos o infinitamente" (Reflexiones, 14).

Si leemos con alguna seriedad las líneas anteriores (id est, si nos resolvemos a no juzgarlas una mera exhortación o moralidad), veremos que declaran, o presuponen, dos curiosas ideas. La primera: negar la realidad del pasado y del porvenir. La enuncia este pasaje de Schopenhauer: "La forma de aparición de la voluntad es sólo el presente, no el pasado ni el porvenir: éstos no existen más que para el concepto y por el encadenamiento de la conciencia, sometida al principio de razón. Nadie ha vivido en el pasado, nadie vivirá en el futuro; el presente es la forma de toda vida" (El mundo como voluntad y representación, primer tomo, 54). La segunda: negar, como el Eclesiastés, cualquier novedad. La conjetura de que todas las experiencias del hombre son (de algún modo) análogas, puede a primera vista parecer un mero empobrecimiento del mundo.

Si los destinos de Edgar Allan Poe, de los vikings, de Judas Iscariote y de mi lector secretamente son el mismo destino —el único destino posible—, la historia universal es la de un solo hombre. En rigor, Marco Aurelio no nos impone esta simplificación enigmática. (Yo imaginé hace tiempo un cuento fantástico, a la manera de León Bloy: un teólogo consagra toda su vida a confutar

a un heresiarca; lo vence en intrincadas polémicas, lo denuncia, lo hace quemar; en el Cielo descubre que para Dios el heresiarca y él forman una sola persona.) Marco Aurelio afirma la analogía, no la identidad, de los muchos destinos individuales. Afirma que cualquier lapso —un siglo, un año, una sola noche, tal vez el inasible presente— contiene íntegramente la historia. En su forma extrema esa conjetura es de fácil refutación: un sabor difiere de otro sabor, diez minutos de dolor físico no equivalen a diez minutos de álgebra. Aplicada a grandes períodos, a los setenta años de edad que el Libro de los Salmos nos adjudica, la conjetura es verosímil o tolerable. Se reduce a afirmar que el número de percepciones, de emociones, de pensamientos, de vicisitudes humanas, es limitado, y que antes de la muerte lo agotaremos. Repite Marco Aurelio: "Quien ha mirado lo presente ha mirado todas las cosas: las que ocurrieron en el insondable pasado, las que ocurrirán en el porvenir" (Reflexiones, libro sexto, 37).

En tiempos de auge la conjetura de que la existencia del hombre es una cantidad constante, invariable, puede entristecer o irritar; en tiempos que declinan (como éstos), es la promesa de que ningún oprobio, ninguna calamidad, ningún dictador podrá empobrecernos.